



# NEGRITUDE FEMININA NO ESTADO DO ACRE: UMA IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO

## FEMALE BLACKNESS IN THE STATE OF ACRE: AN IDENTITY UNDER CONSTRUCTION

Ló-Ruama Íllary Freires Pereira<sup>1</sup>  
Flávia Rodrigues Lima da Rocha<sup>2</sup>

### RESUMO

Historicamente, pessoas brancas não apenas ocuparam lugares de privilégios, mas também moldaram as esferas de poder de maneira a influenciar a população brasileira, induzindo-a a assimilar suas falas e adotar seu discurso. Esse processo de manipulação da identidade nacional levou muitos brasileiros a almejavem o branqueamento e a negar suas raízes africanas e afro-brasileiras, promovendo, assim, a invisibilização da herança cultural negra. O objetivo deste trabalho é analisar as trajetórias e os obstáculos enfrentados pelas mulheres acreanas na construção de sua identidade negra. A metodologia adotada foi qualitativa, com a realização de uma pesquisa bibliográfica seguida de entrevistas, utilizando a abordagem da história oral. Para fundamentar esta análise, foram utilizadas as contribuições de Munanga (2019), Souza (2021) e Gomes (1995), que abordam a temática da negritude e a valorização dos traços fenotípicos na construção da identidade de pessoas negras no contexto acreano. Como resultado, observou-se a importância dos processos de transição capilar na trajetória de construção da identidade negra, além do impacto dos atos e falas racistas na percepção de si mesmas. Esses fatores desempenham um papel crucial na formação da identidade dessas mulheres. Ademais, constatou-se a relevância das ações afirmativas e do acesso ao conhecimento como ferramentas fundamentais para a desconstrução de paradigmas e a superação das amarras impostas pelo racismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Políticas de Ações Afirmativas. Negritude.

### ABSTRACT

Historically, white people not only occupied positions of privilege but also shaped the spheres of power in such a way as to influence the Brazilian population, leading them to assimilate their language and adopt their discourse. This process of manipulating national identity led many Brazilians to aspire to whitening and deny their African and Afro-Brazilian roots, thus promoting the invisibilization of the Black cultural heritage. The objective of this study is to analyze the trajectories and obstacles faced by women from Acre in the construction of their Black identity. The methodology adopted was qualitative, consisting of a bibliographic review followed by interviews using the oral history approach. To support this analysis, the contributions of Munanga (2019), Souza (2021), and Gomes (1995) were used, which address the theme of Black identity and the valorization of phenotypic traits in the construction of the identity of Black people in the Acrean context. As a result, the importance of hair transition processes in the construction of Black identity was observed, as well as the impact of racist acts and remarks on the self-perception of these women. These factors play a crucial role in shaping their identities. Furthermore, the relevance of affirmative actions and access

<sup>1</sup> Professora de História na Secretária de Estado de Educação, Cultura e Esportes do Acre (SEE/AC). Discente de mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Acre (PPGE/Ufac). Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígenas e Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (Ufac). E-mail: pereiraloruama@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora Adjunta na Universidade Federal do Acre (Ufac). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestra em Letras: linguagem e identidade e Graduada em Licenciatura em História pela Ufac. E-mail: flavia.rocha@ufac.br.



to knowledge was found to be essential tools in dismantling paradigms and overcoming the constraints imposed by racism.

**KEYWORDS:** Identity. Affirmative Action Policies. Blackness.

## 1 INTRODUÇÃO

As mulheres e os homens do continente africano foram pioneiros nas Ciências, na produção de conhecimentos, saberes, tecnologias, técnicas, entre outros, utilizados até nos dias atuais. No entanto, o processo de colonização nos afastou de todas essas informações sobre as contribuições dos povos africanos para o desenvolvimento das sociedades. A atuação dos colonizadores, além de promover esse distanciamento, também gerou distorções e uma visão distorcida sobre as pessoas negras, associando-se constantemente ao que era considerado ruim, não intelectual e irracional. Dessa forma, essas identidades passaram a ser construídas a partir de um olhar eurocêntrico sobre o ser negro e ser negra.

A colonização, ocorrida também em território brasileiro, teve como uma de suas consequências o apagamento das culturas e das identidades trazidas pelos africanos escravizados. Desde o início, o colonizador buscou privá-los de praticar suas crenças, falar seu idioma natal, realizar ritos e celebrações, ou seja, de viver de acordo os seus modos de vida. Além disso, mesmo após a abolição da escravidão, os casos de racismo e discriminação fortaleceram e continuam a ser realidades até os dias atuais. Nesse contexto, duas atitudes foram historicamente observadas em relação à população negra<sup>3</sup> foram: o embranquecimento da elite, ou seja, a adoção dos valores e costumes dos brancos para alcançar uma posição mais favorável na sociedade, assim como algum tipo de reconhecimento da branquitude<sup>4</sup>. A segunda atitude foi a auto rejeição, caracterizada por sentimentos de raiva, vergonha de si mesmo ou a negação da própria identidade.

---

<sup>3</sup> De acordo com o Estatuto da Igualdade Racial, no inciso IV do art. 1º da Lei 12.288, de 20 de julho de 2010, a população negra é formada por pessoas autodeclaradas pretas e pardas de acordo com a determinação de cor e raça do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

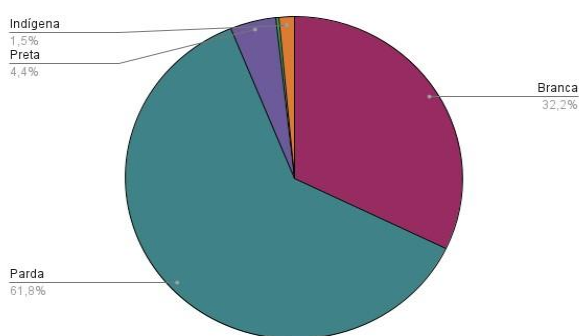
<sup>4</sup> Branquitude, de acordo com Cida Bento (2002), não é identidade racial, mas pode ser compreendida como privilégio branco que é, por sua vez, “Privilégio branco é entendido como um estado passivo, uma estrutura de facilidades que os brancos têm, queiram eles ou não. Ou seja, a herança está presente na vida de todos os brancos, sejam eles pobres ou antirracistas. Há um lugar simbólico e concreto de privilégio construído socialmente para o grupo branco. [...] [também] diz respeito a uma posição ativa, na qual brancos buscam, exercitam e aproveitam a dominação racial e os privilégios da branquitude” (Bento, 2022).



As mulheres foram, em sua maioria, alvos desse branqueamento e da imposição da branquitude desde a infância, sofrendo pressões estéticas que as obrigavam a se conformar um padrão aceito pela sociedade. A grande maioria teve que se submeter ao alisamento dos seus cabelos ou ao uso de maquiagem, com o objetivo de apagar ou suavizar traços considerados não conformes aos padrões eurocêntricos (negroides). Principalmente até meados de 2010, o referencial de beleza estava fortemente atrelado a traços finos e cabelos lisos, como era comum em filmes e novelas, onde as cenas de transformação de embelezamento geralmente destacavam personagens que surgiam com os cabelos alisados. Nesse cenário, portanto, muitas mulheres se viram influenciadas a negar suas origens, afastando-se de sua identidade e de sua negritude.

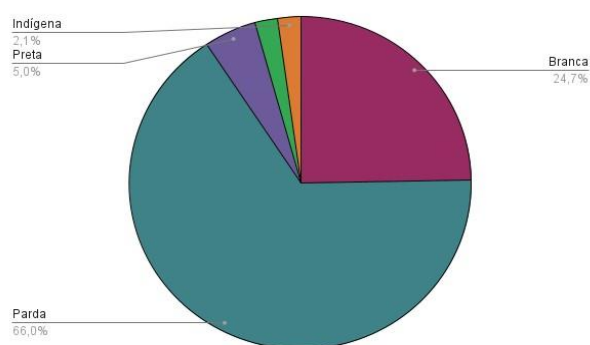
É neste contexto que se insere a realização deste trabalho, que busca compreender o processo de construção de identidade da negritude feminina no estado do Acre entre os anos 2005 e 2023, assim como os desafios e as experiências vividas por essas mulheres nesse percurso de ser ou de tornar-se negra. Embora a população acreana seja majoritariamente negra, mas por muito tempo negou-se a presença de negros nesse território. Os gráficos abaixo, baseados nos censos de 2000 e 2010, ilustram a quantidade de mulheres negras no território acreano:

**Gráfico 1 - Mulheres Negras /AC**



Fonte: IBGE (2000)

**Gráfico 2 – Mulheres Negras/AC**



Fonte: IBGE, 2010

Ao analisar os gráficos mencionados, é possível observar o aumento de mulheres autodeclaradas pretas ou pardas. Diante dessa constatação, surge o questionamento sobre que motivou o crescimento da população autodeclarada negra do Acre e qual a relação desse fenômeno com a implementação de políticas de ações afirmativas.



O objetivo geral desta pesquisa é compreender o processo de construção da identidade de mulheres negras no Acre entre os anos 2005 e 2023. Para alcançar esse objetivo, foram propostos dois objetivos específicos: contextualizar as trajetórias das sujeitas desta pesquisa em tornar-se negra no Acre e identificar os desafios enfrentados por elas ao longo desse percurso.

A metodologia adotada nesta pesquisa foi de caráter qualitativo, iniciando com uma pesquisa bibliográfica para melhor compreensão da temática abordada. Vale destacar que a linha de pesquisa utilizada foi a de perspectiva decolonial, que, em síntese, propõe uma construção alternativa à modernidade eurocêntrica, tanto no que diz respeito ao seu projeto de civilização quanto às suas propostas epistêmicas. Basicamente, “a decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber” (Candau; Oliveira, 2010). Além disso, foram realizadas entrevistas utilizando a história oral<sup>5</sup> e a transcrição das falas, de modo a, além do conhecimento teórico, captar as vivências e os percursos de mulheres negras na construção e reconstrução de sua identidade e negritude. Também foi realizada a análise de dados dos censos de 2000 e 2010 do IBGE, visando uma melhor compreensão da quantidade de mulheres negras no território acreano. A seguir, abordaremos os conceitos de: "Identidade, negritude e o tornar-se negra".

## **2 IDENTIDADE, NEGRITUDE E O TORNAR-SE NEGRA**

Falar sobre identidade, embora pareça algo simples, é conceito complexo. Como aponta Gomes (1995), apesar de lidarmos com o termo de maneira natural no cotidiano, quando somos questionados sobre o que é identidade, é comum nos sentirmos desarmados diante dessa pergunta. Isso ocorre porque a identidade é um fenômeno multifacetado, construído ao longo do tempo e influenciado por diversos fatores, como cultura, história, relações sociais e individuais. Diversas áreas como a Psicologia, Antropologia, Ciências Sociais, dentre outras, trazem discussões e grandes contribuições sobre essa temática, permitindo que esse termo seja usado maleavelmente de diferentes formas no ramo ideológico. Ademais, a autora alega que:

---

<sup>5</sup> A história oral possui relevada importância quando se trata de estudos a respeito de identidade e representatividade pois, além de focar nos pontos comuns de uma experiência compartilhada por determinado grupo, se atenta para as versões individualizadas de cada indivíduo, enriquecendo a experiência como um todo. Assim, “afirma-se cada depoimento para a história oral tem um peso autônomo, ainda que se explique socialmente” (Meihy, 2002, p. 70).



Dentro da discussão sobre a identidade dos negros brasileiros, várias são as posições daqueles que se preocupam com esse tipo de análise. A identidade tem sido um tema muito debatido entre os militantes do Movimento Negro e alguns cientistas sociais, na tentativa de um resgate cultural, desmascarando a democracia racial, construindo um discurso que não se restrinja à ênfase em sinais diacríticos que diferenciam o negro do branco, mas levando a discussão para uma análise da situação socioeconômica, educacional, inserção no mercado de trabalho e discriminação racial que envolve o povo brasileiro (Gomes, 1995, p. 42).

Munanga (2019) defende que a identidade consiste em duas: objetiva e subjetiva. A primeira se refere à identidade cultural e a segunda está ligada, basicamente, à consciência da diferença entre o “eu” e o “outro” — é relevante ressaltar que tal consciência não é a mesma entre todas as pessoas negras, visto que todos vivem em cenários socioculturais e religiosos diferentes. Para o autor, existem três fatores cruciais na construção da identidade: os históricos, os linguísticos e os psicológicos.

O fator histórico é um dos principais, uma vez que a história de um determinado povo que, ao buscar se reconectar à sua ancestralidade, se conecta “através do sentimento de continuidade histórica vivido pelo conjunto de sua coletividade” (Munanga, 2019, p.12). Percebe-se, então, a importância da consciência histórica para um povo, pois permite que este compartilhe uma relação saudável consigo mesmo e com a sua história. No que tange o fator psicológico, o autor relata, inicialmente, que questionamentos como “o temperamento do negro é diferente do temperamento do branco?” deveriam estar ligados à situação em que homens negros foram submetidos em detrimento da realidade dos brancos, suas estruturas sociais e não às diferenças biológicas — como foi sustentado por muito tempo pelos racialistas.

Dentre suas discussões, Munanga (2019) afirma que, para construir uma identidade negra, é necessário possuir muito mais do que traços fenotípicos característicos, é preciso também um letramento racial. A questão levantada, então, passa a ser: “O que é ser negro?” ou melhor, “Quem é negro?” Munanga (2019) afirma que ser negro é ser excluído, pois grande parte da população brasileira é repelida de sua participação na política, na economia e até mesmo no seu exercício pleno da cidadania.

Seguindo, ainda, no mesmo questionamento sobre quem é negro, Souza (2021) afirma que se descobrir negro vai muito além da cor da pele ou dos traços que se vê no espelho. A autora contextualiza:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrado em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 2021, p.18).



Ainda assim, a identidade da pessoa negra é constantemente ameaçada pela “violência racista do branco”. Neusa Souza aborda o que ela chama de “fetiche do branco”, onde há uma aspiração pela branquidão — sobretudo de suas características. Desde o início da vida, pessoas negras se deparam com o discurso de que tudo que é bom provém da branquidão: a cultura superior é a dos brancos, a beleza provém dos traços deles, bem como tudo aquilo que é civilizatório e bom. O que resulta no fato de que:

Nada pode macular essa branquidão que, a ferro e fogo, cravou-se na consciência negra como sinônimo de pureza artística; nobreza estética; majestade moral; sabedoria científica etc. O belo, o bom, o justo e o verdadeiro são brancos. [...] O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal (Souza, 2021, p. 2829).

É neste cenário, em que constantemente se reforça a ideia de que tudo que é belo provém do branco, que as pessoas negras, desde as primeiras etapas da vida, buscam se aproximar dessas características e, muitas vezes, negam as suas próprias. Esse processo de internalização de padrões de beleza eurocêntricos leva muitas pessoas negras a se distanciar de suas raízes culturais e a desvalorizar seus traços fenotípicos, como a cor da pele, o tipo de cabelo e outras características que fazem parte de sua identidade. Um exemplo disso são meninas negras que desde pequenas são motivadas a alisar seus cabelos, pois só assim poderão ser consideradas mais bonitas; outro caso que pode passar despercebido é no contexto da maquiagem, onde muitas mulheres, desde muito jovens, optam por usar diversos contornos para afinar o nariz, considerando que o nariz largo vai na contramão da aparência pregada pela branquidão como delicada e feminina - isso também pode ser observado nos filmes de contos de fadas, onde o nariz das princesas são bem finos quando comparado ao das bruxas que são largos e compridos. Percebe-se, então, que além do racismo que sofrem no cotidiano, desde pequenas, as crianças negras são constantemente influenciadas por uma mídia que perpetua padrões de beleza eurocêntricos, fazendo com que, muitas vezes, em algum momento de suas vidas, elas desprezem e rejeitem seus próprios traços. E, assim, almejar “branqueá-los”. Outrossim, apesar das maiores barbáries terem sido cometidas por brancos, ainda são vistos como detentores daquilo que é superior, bom e belo. Assim, a branquidão sobrepõe o sujeito branco, mas também como suas falhas e seus crimes, mantendo uma imagem idealizada que obscure suas ações históricas prejudiciais.



Na dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação: Linguagens e Identidades da Universidade Federal do Acre (Ufac), intitulada “‘Aquele Preto Era Eu’: representações sobre mulheres negras em matérias dos sites Contilnet Notícias e G1 Acre”, de autoria de Jaine Araújo da Silva (2022) disse que, relatou que, na época da escrita, se considerava negra há seis anos, pois antes desse período se via apenas como morena. Sua fala reflete um processo de autoidentificação, que, segundo ela, só ocorreu durante a graduação, quando passou a reconhecer-se como uma mulher negra. Esse depoimento destaca a importância do autoconhecimento e da construção da identidade racial, que, muitas vezes, é influenciado por contextos sociais, culturais e educacionais.

Ainda em sua dissertação, a autora relata que o processo de identidade de pessoas negras no Brasil não é algo linear, pois depende do ambiente e das vivências em que cada pessoa está inserida. Ademais, apresenta a influência da mídia e da forma como as pessoas negras lidam com a questão estética e os processos a que se sujeitam para branquearem-se e, assim buscam aproximar de uma posição social considerada melhor, sendo que o corpo e o cabelo considerados como fundamentais no processo de ascender a determinados lugares sociais.

Assim, para crianças negras nascidas em famílias que valorizam a negritude e afirmam os traços fenotípicos negróides, entre os quais está o cabelo crespo, o ingresso na escola pode ser traumático, pois materializa um dos primeiros contatos com o social embebido de racismo. A adolescência é outra etapa da vida significativa nesse processo. Nela, pessoas negras podem experimentar sensações de desajuste e inadequação com relação ao seu corpo e ao seu cabelo e, dependendo dos instrumentos dos quais disponham, conseguem lidar de forma mais ou menos conflituosa com tais questões. Vale ressaltar que o uso do cabelo de determinada forma não implica necessariamente consciência ou denúncia do racismo por parte daquela/e que o adota nem mesmo aponta para uma intervenção estética relacionada a um grupo que atua em prol da negritude. O racismo vivido por pessoas negras desde a infância pode lhes impulsionar a aprender a afirmar sua pertença racial, mas essa não é uma questão óbvia. A mesma vivência pode levar pessoas negras a tentarem se afastar da negritude até as últimas consequências, travando uma luta intimamente ligada ao próprio corpo (Silva, 2022, p.103).

Nota-se que Silva (2022) reafirma a relação conflituosa de aceitação e rejeição que a pessoa negra vivência, especialmente no plano psicologicamente. Como afirma Souza (1995), a imagem identificatória que o sujeito negro tem de si mesmo está profundamente conectada à dor ou prazer que experimenta ao longo de sua vida. Dessa forma, “autoimagem da mulher negra está em permanente confronto com o imaginário social, [...] por isso é compreensível [...] que muitas mulheres negras [...] [ocultem] o difícil processo de sua construção racial positiva” (Gomes,1995, p.134). É nesse cenário, portanto, que muitos passaram a negar suas origens, se afastando de sua



identidade e de sua negritude, ou melhor, dos estereótipos advindos da cor de sua pele e de seus traços negróides.

O conceito da palavra “negritude” vai para além da cor da pele de uma pessoa, é “um dos mais revolucionários conceitos surgidos no Mundo Negro contemporâneo” atuando, sobretudo, na determinação de parâmetros da luta antirracista (Cesaire, 2010, p.7). Tanto a identidade negra quanto a negritude reúnem àqueles que foram e são vítimas de estereótipos e de violências impostas historicamente pelo colonizador e perpetuado pela branquitude. Basicamente, a negritude é a reação de pessoas negras à agressão realizada pelos brancos; ela também é utilizada por militantes negros para contrastar sua identidade com a do opositor (Munanga, 2019, p. 15-16).

Dessa forma, a busca pela identidade negra não deve ser vista com pena, mas sim como um processo de resistência, afirmação e empoderamento. O negro possui dilemas e lutas que são, em grande parte, exclusivos de sua experiência, dado o contexto histórico e social de racismo e discriminação que perpassa sua trajetória. Embora essas questões sejam individuais, o apoio e a solidariedade do meio em que vive podem ser cruciais para o enfrentamento dessas dificuldades. Dentre esses percalços, podem ser citados a “alienação de seu corpo, de sua cor, de sua cultura, de sua história e conseqüentemente sua ‘inferiorização’ e baixa estima” (Munanga, 2019, p.18). Assim, ao buscar sua identidade, o indivíduo negro pode encontrar outros que estão na mesma jornada, criando um espaço de compartilhamento e apoio mútuo. Esse processo de reconhecimento coletivo possibilita a união de forças entre aqueles que vivenciam a opressão, formando uma rede de solidariedade que fortalece a luta contra as desigualdades. Como enfatiza Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, a conscientização é um passo fundamental para que os oprimidos compreendam a origem de sua opressão e, juntos, se mobilizem para transformar sua realidade.

Portanto, ao considerar que a recuperação da identidade negra começa com a aceitação das características e, sobretudo, da negritude, antes de alcançar outros patamares como intelectual, cultural e mental, este projeto buscará, ao dialogar com mulheres heteroidentificadas negras, compreender o processo de não apenas *ver*, mas *tornar-se* uma mulher negra. Além disso, pretende-se entender os percalços enfrentados por essas mulheres em suas jornadas, explorados os desafios e as experiências que moldam sua identidade e resistência em um contexto de desigualdade social.





### 3 TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DE MULHERES NEGRAS NA CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE NO ESTADO DO ACRE

Baseado nas obras mencionadas, na nota de rodapé, elaborou-se um questionário e, através dele, foram realizadas entrevistas com acreanas de diferentes idades utilizando a história oral. É importante destacar que os nomes das mulheres entrevistadas foram substituídos, nesse trabalho, para salvaguardar suas identidades e garantir a confidencialidade de suas histórias pessoais. Essa medida visa respeitar a privacidade das participantes e assegurar o que seus relatos sejam tratados com o máximo de cuidado e responsabilidade. Dessa forma, foram utilizados como pseudônimos nomes de negras brasileiras<sup>6</sup> — contemporâneas ou não — que foram notáveis na história do Brasil. É válido ressaltar que, como critério para a seleção das participantes, foram escolhidas mulheres que já alisaram seus cabelos e que passaram pelo processo de transição capilar. Esse critério foi adotado para compreender melhor as vivências e desafios enfrentados por essas

---

<sup>6</sup> Os nomes das sujeitas dessa pesquisa foram retirados do livro *Enciclopédia Negra*, de Schwarcz, Lauriano e Gomes (2021). A seguir há um breve resumo da história destas mulheres que também foram retirados desta obra: **Figênia**: Na região amazônica, nas localidades fronteiriças, sabe da existência de muitos grupos de negros escravizados que fugiram e formaram comunidades. **Figênia**, foi uma das mulheres que sobreviveu e está eternizada na história desses povos. **Luzia**: nascida em meados do fim do século XVII em Luanda, foi enviada às Américas como escravizada, na idade de 12 anos. Com o tempo conseguiu alforria e passou a residir em Sarabá, em Minas Gerais. Em 1742, foi acusada de ser feitiçeira pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição. Foi enviada a Lisboa para abertura do seu processo inquisitorial que durou cerca de ano e meio — onde foi submetida a tortura nos interrogatórios. Por fim, foi julgada culpada de feitiçaria e apostasia que culminou na sua degradação para Algarve. Apesar de todas as acusações e infortúnios, nunca se acovardou e contrariou todos os estereótipos dos inquisidores, os enfrentando e defendendo seus saberes e ancestralidade. **Marielle Franco**: nasceu e cresceu no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Mulher negra, periférica e ativista dos direitos humanos, ela foi professora, ambulante, empregada doméstica e, posteriormente, vereadora. Seu trabalho foi marcado pela defesa incansável dos direitos das mulheres, da população negra e das comunidades periféricas, sendo uma crítica feroz à violência policial e ao racismo estrutural que atingem essas populações. Marielle lutou pela conscientização racial e social, buscando justiça e igualdade. Sua vida e sua atuação política eram pautadas pela luta contra as opressões que marginalizam os corpos negros e periféricos. Em 2018, foi brutalmente assassinada, em um crime que muitos acreditam ter sido motivado justamente por seu forte posicionamento político e por sua coragem em enfrentar as injustiças sociais. Sua morte continua a ser um símbolo da resistência e da luta pela liberdade e pelos direitos humanos. **Delindra**: Delindra Maria de Pinho, africana que chegou ao Recife no fim do século XVIII. Tudo indica que ela conseguiu sua liberdade pagando por sua alforria ao trabalhar como vendedora e quitandeira. Enfrentou um longo processo judicial com o intuito de reaver seus bens, enquanto lidava não apenas com o estigma de gênero, mas também com o preconceito racial. Apesar das diversas acusações, calúnias e invalidações enfrentadas durante o processo, ela persistiu na busca por justiça. Ao final, obteve uma decisão favorável, que não apenas garantiu sua liberdade, mas também reconheceu sua resistência frente às adversidades impostas pela sociedade. **Zeferina**: De origem angolana, Zeferina foi trazida ao Brasil ainda criança. Segundo a história, ela aprendeu com sua mãe os conhecimentos ancestrais necessários para acessar os orixás e, com o tempo, se tornou uma figura importante na luta contra a escravidão. Já adulta, Zeferina se destacou como líder no Quilombo Urubu, um quilombo que abrigava tanto escravizados quanto indígenas fugitivos. Os membros desse quilombo eram vistos como ameaças pelos senhores escravocratas, pois invadiam propriedades na região, atacavam as fazendas e derrotavam os opressores. Zeferina, além de ser uma estrategista e comandante, manuseava diversos tipos de armas e esteve à frente de muitos confrontos e embates, tornando-se uma figura emblemática na resistência contra a escravidão e pela liberdade dos negros e indígenas. Sua história é um símbolo de luta, coragem e resistência contra a opressão.



mulheres ao longo dessa jornada de reconexão com sua identidade negra, destacando o impacto das pressões estéticas, da aceitação social e do resgate da valorização dos traços naturais do cabelo afro. Dessa forma, as sujeitas dessa pesquisa são: Marielle, 24 anos; Zeferina, 16 anos; Figênia, 52 anos; Luzia, 23 anos e Delindra, 19 anos. As perguntas norteadoras da pesquisa foram baseadas nas obras *Tornar-se negro*, de Neusa Santos Souza, e *A mulher preta que vi de perto*, de Nilma Lino Gomes. Tais falas foram organizadas no quadro a seguir.

**Quadro 1 – Falas das Entrevistadas**

Sujeitas da Pesquisa	Trajatória de tornar-se negra no Estado do Acre;	Desafios enfrentados na busca por tornar-se negra no Estado do Acre	Contribuições
ELINDRA, 19 ANOS (2023)	“Eu me descobri negra de forma aleatória [...]. Eu estava no Ensino Médio e tinha um menino branco da minha sala que ficava enviando vídeos de teor racista nos grupos. Um dia ele postou um vídeo chamando um negro de macaco. Mandou um vídeo e marcou outro menino negro da minha sala. Pra eles era piada, né?! Eu nem ligava. Teve um dia que eu [sic] tava na casa da minha amiga e ela perguntou se eu havia visto o que ele tinha postado, ela me mostrou e perguntou: ‘como tu se sente vendo isso?’ Eu perguntei porque, e ela disse que era porque eu era negra. Até então eu nem sabia que eu era negra, por isso nem me atingia”.	“Eu tinha 9 anos, quando alisei meu cabelo, mas não foi uma decisão minha, foi mais pela influência da minha mãe mesmo”.  “Quando eu estagiava, soltaram uma indireta falando que era [sic] pra gente arrumar mais os cabelos. Porque estávamos lidando com o público e por isso não devíamos só acordar e ir trabalhar sem arrumar os cabelos. E só havia duas meninas, eu; e outra menina branca, então obviamente aquela fala foi pra mim”.	“ <i>Slam</i> , batalhas de rap, conhecendo a cultura feita por jovens negros. Minhas referências de músicas eram norte-americanas, então passei a ouvir mais músicas brasileiras”
MARIELLE, 24 ANOS (2023)	“Então [...]. Eu não me identificava, eu sabia que era uma pessoa negra, mas eu não me identificava, eu não aceitava mesmo. Ainda estou passando por um processo de aceitação, mas principalmente quando eu era criança, era muito difícil”.  “Eu parei de alisar o cabelo há dois anos, mas é um processo muito difícil porque, eu por exemplo, não lembrava mais como era o meu cabelo. Então do nada você para de alisar e fica ali duas texturas [...]. Então esse processo de aceitação, não adianta eu ser hipócrita e falar que é do dia [sic] pra noite que não é.”	“Já sofri preconceito em local de trabalho. Enquanto, passava pelo processo de transição capilar, uma conhecida que eu estava atendendo me perguntou: ‘ai, por que você fez isso?’ Ela queria entender por que eu tinha feito a mudança no meu cabelo que estava legal antes que agora não. Na hora eu não tive nem reação, não sabia nem o que falar, na hora eu só queria chorar, falei que era porque eu queria, mas não era o que eu queria falar”.	“Apoio dos colegas de trabalho e da família no processo de transição capilar”;  “A Universidade e o ensino adquirido nela”.



	<p>Mas é um passo todos os dias, né? Acho que a gente não se aceita totalmente do dia [sic] pra noite, mas é um processo de cada dia. Aos poucos a gente vai se reconhecendo, se achando bonita. Hoje em dia eu sou doída para que o meu cabelo cresça ainda mais para ter um [sic] volumão assim, mas, é aceitar respeitar o processo?”.</p>		
<p>FIGÊNIA, 52 ANOS (2023)</p>	<p>Quando eu comecei a estudar, eu percebi que eu poderia ser quem eu quisesse. Mas foi no Neabi que eu me emponderei mais. Eu fiz parte da primeira turma de Pós-Graduação oferecida pelo Neabi, e lá foi um divisor de águas. Porque eu já não queria ser o que as pessoas diziam que eu era, que as cores não me pertenciam, que meu cabelo teria que ficar sempre preso —que inclusive era alisado — eu não queria mais ficar abafada. Eu sempre vestia roupa apagadinha e no Neabi eu adquiri o conhecimento que me libertou. A educação me libertou. Mesmo eu tendo formação superior, eu não tinha ideia e conhecimento de tudo isso, porque foi no Neabi que eu fui estudar sobre negritude e o orgulho de ser negra. Hoje, graças ao conhecimento, eu questiono tudo.</p>	<p>“Eu sou a única com Ensino Superior. A minha mãe era doméstica e sempre me ensinou que negro não poderia vestir roupa amarela, que meu cabelo não poderia andar solto e tinha que domá-lo. Eu tinha vergonha de ir para a escola, os adolescentes me chamavam de cabelo de bombril. Era muito difícil”.</p>	<p>“Apoio familiar na aceitação e valorização de suas características negras. Por exemplo, eu não gostava de sorrir porque eu achava que o meu sorriso fazia meu nariz ficava ‘enlarguecido’ e minha filha falava que eu ficava mais linda sorrindo [...]”;</p> <p>“Especialização Uniafro”</p>
<p>LUZIA, 23 ANOS (2023)</p>	<p>“Eu sempre me identifiquei como negra, mas sempre quis ser branca. É tanto e, por volta dos 9 ou 10 anos eu comecei a alisar meu cabelo. Eu reclamava da minha boca, do meu nariz [...] meu sonho era fazer plástica no meu nariz. Então [...] eu sempre quis, entendeu? Minha cor não, eu nunca tive problema com ela, só os cabelos e os traços mesmo, sabe? O que chama atenção numa pessoa negra, quando a gente vê os traços, já identifica a pessoa como tal”</p>	<p>“Na escola foi cruel. Quando eu [sic] tava com a raiz grande ficavam perguntando porque ele é assim? Teve uma época que ele estava com a raiz por fazer e eu fui [sic] pra aula com o cabelo solto, e teve um professor que disse: ‘amarra que fica mais bonito’, fui logo atrás da minha mãe pra ela alisar porque já estava na hora”.</p> <p>“Eu trabalhava com atendimento ao público e lidava e sempre perguntavam sobre o meu cabelo: ‘é difícil de lidar? Ele molha?’”</p>	<p>“Minha madrinha, os projetos da escola quando começamos a estudar a consciência negra [...]”</p>
<p>ZEFERINA, 16 ANOS (2023)</p>	<p>“Quando eu estava no 9º ano do Ensino Fundamental, eu alisei meu cabelo. Mas não deu certo e passei pela transição capilar, tive que cortar</p>	<p>“Quando eu cursava a 4º série, tinha uma amiguinha que não gostava do meu cabelo e</p>	<p>“Minha família”;</p> <p>“Projeto Afrocientista”.</p>



	curtinho igual ao de homem. Quando fiz parte do Projeto Afrocientista eu me percebi uma mulher negra, possuidora de identidades”	por isso eu vivia reclamando pra minha mãe pra alisar ele”.	
--	--	---	--

**Fonte:** Elaborada pelas autoras

É possível notar nas falas de Figênia e Zeferina a importância que o conhecimento acerca da história e cultura africana e afro-brasileira exerceu para não apenas se reconhecerem como mulheres negras, como também de valorizarem sua ancestralidade e sua beleza. Ademais, se observa a confirmação da fala de Munanga (2019) que ressalta o fator histórico como crucial na obtenção de consciência histórica do povo negro e do enaltecimento de sua negritude, haja vista que o saber pode libertá-los das amarras deliberadas pela branquitude, bem como da sua tentativa de apagar sua demasiada relevância na construção da identidade da nação brasileira.

No mais, a fala de Souza (2021) no que se refere ao fato de que se perceber negra está para além da imagem que se vê no espelho é reafirmada na primeira fala de Delindra onde a mesma relata que se descobriu negra através de uma ocasião aleatória. Ademais, como aponta a autora, assim como Gomes (1995) relatam que esse processo está ligado às experiências cotidianas ligadas, sobretudo, aos casos de discriminação ou racismo que as levam a assimilar seus traços, características e história de forma negativa. Tal afirmação pode ser reafirmada na fala de Marielle ao afirmar que sua identificação como negra ocorreu, mas não se deu de forma positiva, para além disso, é possível acrescentar como resultado de tais experiências (somado ao constante discurso de que tudo aquilo que é bom provém da brancura) que a grande maioria delas em algum momento almejavam ser brancas e, para se aproximar disso, assim que possível alisaram seus cabelos.

A influência que a mídia da branquitude exerce na formação da identidade das mulheres negras, tal qual fala Silva (2022) em sua dissertação, pode ser percebida na fala de Marielle ao afirmar que já desejou ter características semelhantes à da Barbie, bem como a de Luzia que em determinado momento de sua vida desejou avidamente ser branca e ter esses traços característicos. Ao mesmo tempo que foi possível perceber na fala de Zeferina o papel fundamental que a família exerce na construção positiva da identidade de meninas negras, assim como pode ser observado no texto da referida autora.

Quando perguntadas sobre quando se descobriram negras, as respostas foram: Delindra, aos 15 anos; Marielle, por volta de 21 anos; Figênia, aos 46 anos e Zeferina aos 15. Dessa forma, foi possível auferir que tornar-se negro é um processo que vai muito além de se ver no espelho. Envolve um percurso e uma luta constante no combate ao racismo, que permeia a sociedade



brasileira e está profundamente enraizado em suas estruturas sociais, políticas e culturais. O processo de resgatar a identidade negra e de se afirmar como mulher negra, nesse contexto, não se dá de forma isolada, mas como parte de uma resistência coletiva contra as desigualdades e discriminações históricas que continuam a impactar a população negra. Essa luta, portanto, vai além da individualidade, sendo uma batalha contínua por justiça, igualdade e respeito à diversidade. A propagação dele se dá através da mídia, de animações, literaturas e até brinquedos que afetam o imaginário do povo negro das mais diversas idades, bem como por intermédio da linguagem e termos usados no cotidiano, acontece também mediante ao currículo escolar eurocêntrico e da branquitude que não tem intenção de se abster de seus privilégios em prol do fim da desigualdade e de promover ações antirracistas. O mecanismo mais poderoso para se combater tal mal continua a ser o conhecimento. Assim como disse Figênia durante sua entrevista, “muitas pessoas falam que o negro foi liberto, mas o negro só é liberto a partir do momento que ele passa a ter conhecimento, quando ele busca saber sobre seu passado e sua ancestralidade” (Figênia, 2023, s.p).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muitas conquistas têm sido alcançadas pelo Movimento Negro, a exemplo da lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que institui o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas e permite que possam conhecer sua ancestralidade, bem como sua identidade como pessoas negras. Outra lei fundamental nesse progresso é a lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, também conhecida como a Lei de Cotas, que possibilita aos pretos e pardos o acesso ao meio acadêmico, onde além de obter mais conhecimento sobre sua negritude, poderão se envolver nas lutas antirracistas e por ações afirmativas, bem como terão a oportunidade de repassar o conhecimento adquirido nos demais espaços frequentados pelos mesmos fora da comunidade acadêmica. Os primeiros avanços já puderam ser observados nos resultados dos Censos de 2000 e 2010 do Estado do Acre, onde houve um aumento da população autodeclarada negra. Isso não é fruto do acaso, mas resultado de trabalhos educativos voltados à valorização dos modos de vida, da ancestralidade e do reconhecimento de sua identidade. Acreditamos que o acesso a uma educação antirracista continuará auxiliando na positivação e valorização no pertencimento ancestral da população negra.

Dessa forma, o objetivo geral que visava compreender como se deu o processo de construção de identidade de mulheres negras no Acre foi alcançado, pois, através das entrevistas realizadas foi possível compreender a trajetória de mulheres na construção de sua identidade.



Outrossim, tal qual o primeiro objetivo pretendia, foi possível contextualizar suas trajetórias em tornarem-se negras em território acreano, pois, com auxílio do referencial teórico e dos relatos delas, foi possível notar os fatores cruciais — como o apoio familiar e o conhecimento — na formação positiva de sua identidade e no reconhecimento de sua ancestralidade (assim como foi afirmado pelos autores utilizados na feitura deste artigo).

O conhecimento dos desafios enfrentados pelas mulheres acreanas no reconhecimento de sua negritude, que era um dos objetivos destacados no artigo também foi alcançado, pois graças às falas das sujeitas dessa pesquisa onde expuseram suas experiências, pode-se perceber a influência da branquitude sobre o a população negra com sua ideologia do branqueamento, afetando o imaginário dessa população que historicamente foi privada de acessar os locais de privilégios na sociedade e teve, sobretudo, sua cultura e identidade desconsiderada. Ademais, foi possível perceber como as entrevistadas mais jovens possuíam maior sentimento de pertencimento e valorização de sua identidade o que pode ser caracterizado por conta da implementação de ações afirmativas que, por serem mais recentes, as alcançaram na escola ou na universidade — o que não ocorreu em outrora com Figênia, por exemplo. Portanto, percebe-se a importância e os resultados da luta antirracista que, embora ainda possua muitos obstáculos, continua sendo primordial para combater um país estruturalmente racista.

Sendo assim, a pesquisa observou que o processo de construção da identidade de mulheres negras no Estado Acre entre os anos 2005 e 2023 teve êxito à medida que as ações afirmativas foram implementadas e as alcançaram, sobretudo através do conhecimento. Dessa forma, nota-se que à proporção que aprenderam sobre sua ancestralidade e herança cultural se iniciou nestas mulheres o processo de tornarem-se negras e assumirem sua negritude. Tal evolução é crucial na luta contra o racismo velado que ainda perpassa a população brasileira e se perpetua das mais diversas formas, afetando o imaginário, sentimento de pertencimento e acesso a lugares de privilégio pelo povo negro - tal qual é o plano da branquitude. Portanto, embora ocorra individualmente, a construção da identidade dessas pessoas tem poder coletivo por não apenas uni-las, como fortalecer a luta antirracista no Estado do Acre.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.



BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira” e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 2003.

BRASIL. Lei 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. **Diário Oficial da União**, 2010.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 2012.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. In. **Educação em Revista**: Belo Horizonte, v. 26, n.1, p.15-40, abr. 2010.

CENSO Brasileiro de 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Rio Branco, 2000

CENSO Brasileiro de 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Rio Branco, 2012.

CESAIRE, Aime. **Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2020.

COLETÂNEA Uniafro. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Ufac. Disponível em: <https://www.ufac.br/neabi/coordenadorias/editoracao-epublicacao/coletanea-uniafro>. Acesso em: 3 abr. 2023

DELINDRA. Entrevista concedida a Ló-Ruama Íllary Freires Pereira. Rio Branco: 3 mar. 2023.

FIGÊNIA. Entrevista concedida a Ló-Ruama Íllary Freires Pereira. Rio Branco: 1 mar. 2023.

GOMES, Nilmo Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

LUZIA. Entrevista concedida a Ló-Ruama Íllary Freires Pereira. Rio Branco: 2 mar. 2023.

MARIELLE. Entrevista concedida a Ló-Ruama Íllary Freires Pereira. Rio Branco: 4 mar. 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4 ed. São Paulo: Edições. Loyola, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PROJETO Afrocientista. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Ufac. Disponível em: [https://www.ufac.br/neabi/coordenadorias/ensino/copy\\_of\\_cursos-formacoes](https://www.ufac.br/neabi/coordenadorias/ensino/copy_of_cursos-formacoes). Acesso em: 3 abr. 2023.



SCHWARCZ, L.; LAURIANO, J.; GOMES, F. **Enciclopédia Negra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SILVA, Jaine Araújo da. **“AQUELA PRETA ERA EU”**: Representações sobre mulheres negras em matérias dos sites ContilNet Notícias e G1 Acre. Dissertação (Mestrado em Letras: linguagem e identidade). Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Universidade Federal do Acre. 225p. Rio Branco, 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ZEFERINA. Entrevista concedida a Ló-Ruama Íllary Freires Pereira. Rio Branco, 06 mar 2023.

**Enviado em: 29/07/2024**  
**Aceito em: 28/10/2024**